

Música Evangélica Brasileira A presença do forró no mercado gospel¹

Maria Solange dos Santos COSTA ²

Marco Lunardi ESCOBAR ³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

RESUMO

A música evangélica está presente na história brasileira desde colonização portuguesa. E durante décadas lançou vários artistas na indústria fonográfica nacional. No início de sua trajetória no Brasil, foi tida como referência de boa música. Muitos cantores, grupos e bandas tiveram seus nomes registrados na história da música evangélica e outros passaram despercebidos. As primeiras gravações eram feitas em cilindros e disco. No passado tinha um estilo suave, porém hoje é possível observar semelhanças com as músicas não evangélicas. O que fez surgir muitos questionamentos sobre o que realmente podemos chamar de música evangélica. O forró, esse ritmo dançante que é tão conhecido por conter letras vulgares, tem feito parte do repertório dos cristãos com um linguajar apropriado aos mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: Forró evangélico, História, Interpretes.

1. INTRODUÇÃO

O artigo tem o objetivo de levar um público maior a conhecer um pouco mais sobre esse mercado cultural e leva-los também a compreensão do que realmente define se uma música é evangélica ou não. Daí à curiosidade então de questionar sobre a presença do ritmo forró no mercado gospel. Porque ele é tão amado por uns e odiado por outros? Há quem questione porque ele está presente nesse universo. Acreditando assim, que não seja possível adorar a Deus através deste estilo musical. Porém nas igrejas pentecostais, como a Assembleia de Deus, sua presença é bem aceita.

Há um pensamento equivocado no que diz respeito ao estilo adequado da música evangélica. No entanto, não há um estilo, ela pode ser representada por todos ou quase todos. O que vai caracterizá-la ser ou não evangélica é a letra que deve trazer uma

¹ Trabalho apresentado no IJ – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 02 a 04 de julho de 2015.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social - Radialismo na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN, email: solange.santos07@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, email: marcoescobar@uern.br.

mensagem de punho bíblico e que os intérpretes sejam do meio, porém é possível observar em algumas letras ausência de alguns fatores que deve conter nelas.

De acordo com Sousa (2004, s/n), a música gospel, “surgiu nos anos 80, para designar a música produzida pelo movimento gospel”, e faz parte dos grupos cristãos, mas também é utilizada para indicar as músicas evangélicas. Ela é essencialmente religiosa, utilizada em cerimônias, mas também se tornou um grande mercado, uma vez que é bastante aceita pela maioria das pessoas.

Como no mercado da música secular⁴, no meio evangélico, há músicas consideradas de boa qualidade, mas também há aquelas que são bastante criticadas por suas letras e estilos. O forró é um deles. Algo tem preocupado os fiéis: a falta de espiritualidade nas músicas e na vida dos intérpretes, e a falta do compromisso que muitos mostram com o evangelho.

2. A HISTÓRIA DA MÚSICA EVANGÉLICA NO BRASIL

A origem da música evangélica no Brasil se deu nas primeiras décadas da colonização portuguesa, junto com os protestantes europeus que aqui estiveram por um período mais longo ou só de passagem. No início, os cânticos eram entoados sozinhos em devocionais pessoais e também em pequenos grupos. Quando as igrejas protestantes se firmaram no Brasil com cultos em adoração ao Deus Supremo, a música evangélica foi ganhando espaço, diversidade e frequência. Sua principal fonte de divulgação foi o hinário. Nessa época a música cristã também recebeu influência da música clássica permitindo assim, ser referência de boa música.

As primeiras gravações evangélicas no Brasil ocorreram no ano de 1901 na cidade de São Paulo, através de um coral de quatro vozes onde gravaram o hino, *Se nos cega o sol ardente*. Lembrando que as gravações seculares ocorreram no ano de 1910. As gravações nesse período eram feitas em cilindros e discos. O primeiro cantor a lançar um LP evangélico no Brasil foi Luiz de Carvalho em 1958. O composto vinil nasceu em 1949 e tinha um formato de uma mine-bolacha podendo ser simples ou composto. O simples tinha duas músicas, uma faixa de cada lado. Já o composto tinha duas músicas de cada lado. O vinil tornou-se uma boa alternativa para quem sonhava em gravar e tinha poucos recursos e poucas músicas.

⁴ Termo utilizado pelos evangélicos, para definir toda música que não faz parte do mercado gospel.

A Rádio Clube do Brasil, Rio de Janeiro, transmitiu em 26 de maio de 1929, o primeiro programa evangélico. A responsável era a Igreja Luterana com o Reverendo Rodolfo Hasse que tinha meia hora para pregar. Só veio ter um bom crescimento nos programas evangélicos na rádio no ano de 1931 onde, além das pregações, tocavam músicas ao vivo ou tocada em disco de 78 rotações. No ano de 1950 ocorreu o surgimento da televisão no Brasil com a TV Tupi de São Paulo inaugurada pelo jornalista Assis Chateaubriand. Vindo em seguida a TV Paulista (1952), TV Record de São Paulo (1953), TV Rio de Janeiro (1955), TV Itacolomi de Belo Horizonte (1955), e a TV Excelsior de São Paulo (1959). Durante essa década foi vendido em torno de 344.000 aparelhos de TV e mesmo assim não há indícios de pregadores ou cantores utilizando esse veículo da comunicação. Já na mídia escrita houve jornais, boletins e revista que deram espaço a música evangélica.

A Atlas, (Departamento de Rádio e Gravações do Serviço Noticioso Atlas), foi a primeira gravadora evangélica, fundada no Rio de Janeiro no ano de 1948. Sua primeira publicação foi o segundo trabalho do cantor Feliciano Amaral. Os ritmos evangélicos tinham a características de serem suave. Porém hoje já é possível encontrar semelhantemente como no meio secular, ritmos mais agitados e dançantes como o forró, o rock end roll e o twist da década de 1950. Do contrário do que possa imaginar, a produção das músicas evangélicas era de boa qualidade tanto nas suas letras, vocal como também na parte instrumental. Eram gravadas nos melhores estúdios da época como a RCA Victor, Odeon e Continental. Pôde contar com maestros, músicos formados na área, que também eram evangélicos, e professores do curso de músicas, de escolas e universidades.

O primeiro livro sobre a história da música evangélica foi lançado no ano e 1961 pela Editora Kosmos, intitulado *Música Sacra Evangélica no Brasil* escrito pela professora Henriqueta Rosa Fernandes Braga. Ainda nesta década, alguns cantores destacaram-se como: O Tenor Edgar Martins, o ex-cantor de música popular Florisval Salvador, Antônio Bicudo, Aparecido de Souza, Arautos do Rei, Curió e Canarinho, José e Dulce, Josely Scarabelli, Sara Araújo, Washington Alves entre outros.

A década de 1970, a música evangélica vivia um período muito fértil, pois provavelmente não existia pirataria tornando-a assim bastante rentável. Segundo o IBGE, nesse período a população evangélica ultrapassava três milhões de pessoas. Nessa época mesmo existindo diversas emissoras de TVs, ainda permaneciam longe

desse universo midiático. Uma das razões, é que muitas igrejas por serem contra a esse veículo, proibiram seus fiéis de comprarem aparelhos como também de assistirem seus programas. Porém hoje já existem diversos programas evangélicos, como também uma emissora, a Record, que é liderada pela Igreja Universal do Poder de Deus. Todo esse espaço se dá pela percepção de que já existe um grande público gospel e que o mesmo não pode ser desconsiderado. A própria Rede Globo já transmitiu em horário de grande audiência um show com cantores gospel.

Entre as diversidades de ritmos presentes no mercado gospel, nos propomos a falar sobre o forró, que no qual se fez presente nos discos de vários cantores e grupos evangélicos, porém com uma ou duas faixas, especialmente o pé-de-serra e o baião. (SOUSA, 2011)

Hoje ele vem se destacando nos autôfalantes do Nordeste evangélico, o forró eletrônico. Podemos dá o exemplo do grupo *Expresso Pentecostal*, que parece muito ser uma réplica do forró estilo *Calcinha preta e Limão com Mel*. Suas músicas têm sido tocadas em festas, retiros e são bastante ouvidas nos sons dos automóveis. Só no blog⁵, é possível ver uma lista de noventa e três bandas de forró.

Entre esses nomes existem diversos cantores que antes faziam partes de bandas seculares. Como é o caso de Alberto River (Banda Mastruz com Leite); Amara Barros (Limão com Mel, Gatinha Manhosa, Mulheres perdidas e Calcinha Preta); Berg Lima e Michele Meneses (Calcinha Preta); Marília Magalhães (Forró Saborear); Benné (Forró Maior) e Felipão (Forró Moral).

Para entender a lógica do mercado, o forró fez algumas modificações por “em termos midiáticos é possível destacar alguns elementos da estruturação da mercantil da música que marcam a sinergia entre música e sensualidade” (TROTТА, 2009 p. 3). São eles: O som da música, o estilo é marcado por repetições. Daí porque é de tão fácil memorização. A relação entre letra e melodia, as temáticas são as mais diversas, como a traição, o homem que tem várias mulheres, a mulher que ingere grande quantidade de álcool, desilusões amorosas, abandono do parceiro e demais conflitos amorosos. E o terceiro seu caráter visual, sua vestimenta, os artistas são representados com roupas bem curtas e apertadas. Neste sentido, os artistas e, principalmente, as artistas são visualmente apresentadas como objetos de desejo pelo público, reforçando uma conexão

⁵ Disponível em: <<http://soforrogospel.blogspot.com.br/2010/12>> Acessado em 20/05/15

estreita entre música, corpo e sexo (TROTТА, 2009). Nesse contexto Freire (2010) diz que,

O forró eletrônico recebe diversas acusações, entretanto, apresenta-se como um dos mais vendáveis. O maior lucro das bandas, não através da venda dos CD's, mesmo porque com a pirataria fica difícil de fazer essa contabilidade, o sucesso e consequente lucro, é obtido através da realização dos shows, das turnês pelo Nordeste, ou dependendo do alcance da banda, pelo país. As apresentações são, como dissemos, um espetáculo à parte, as pessoas se identificam com um bordão, inventado por um intérprete, para assistir as dançarinas e cantar o sucesso do momento da banda. FREIRE (2010, p.5)

De acordo com a visão do teórico norte-americano Douglas Kellner (2001, 2006), a própria constituição dos modos de ser e viver são hoje em grande parte, condicionados pelos padrões e modelos fornecidos pela cultura da mídia, levando-o a considerá-la como hegemônica na atualidade. Referindo-se ao conceito frankfurtiano de indústria cultural, o autor esclarece que a mídia funciona segundo um modelo industrial, cujos produtos são mercadorias criadas para atender aos interesses de seus controladores: gigantescos conglomerados transnacionais, hoje dominantes.

O principal produto oferecido pela cultura da mídia é o entretenimento que espetaculariza o cotidiano de modo a seduzir suas audiências e levá-las a identificar-se com as representações sociais e ideológicas nela presentes. Não se pode afirmar que a mídia teria um poder de determinar para o bem ou para o mal, os processos de subjetivação no mundo atual. Entendemos como o faz Kellner, que múltiplos modelos e padrões hoje convivem nas ondas, páginas ou telas dos mais variados meios de comunicação que permeiam nosso cotidiano.

Sendo assim, vemos que as práticas de consumo estão inseridas nas dinâmicas socioculturais e econômicas que as circundam, sendo inadequado pretender tratá-las como esferas isoladas e auto-suficiente, obedecendo a impulsos de ordem individual e intersubjetiva, apenas. Em nossos dias, o consumo de serviços e signos, nos seus mais variados regimes semióticos, é tão ou mais importante do que o consumo de bens materiais. Isso significa que o consumo simbólico ganhou uma relevância até então inaudita.

A hibridização entre mídia e consumo parece evidenciar-se por excelência na economia do entretenimento, onde as formas do espetáculo são incorporadas aos negócios. Neste cenário temos as indústrias culturais transformadas em megaconglomerados que fundem informação, entretenimento e negócios.

Durval faz uma crítica ao machismo que é tradicionalmente vinculado à figura nordestina por estas canções das bandas: *Calcinha Preta e Saia Rodada*. Como chega ao extremo da pura grosseria e desrespeito a figura feminina. Ele declara que:

São canções extremamente misóginas que, no entanto, não só são cantadas a todos os pulmões pelas moças que comparecem aos shows destas bandas, como elas se confessam em blogs, páginas de relacionamento, em cartas enviadas aos fãs clubes das bandas, seguidoras apaixonadas deste fenômeno. Assim como ocorre com os rapazes, muitos deles atraídos para as apresentações destas bandas pela presença de belas moças tanto atuando como vocalistas, quanto como dançarinas, que exploram tanto em suas roupas, em seus gestos, assim como em suas performances vocais e corporais o erotismo, as moças são atraídas por vocalistas e dançarinos, verdadeiros símbolos sexuais, que dão às apresentações das bandas inegáveis conotações de um espetáculo quase orgástico, espetáculo de intensa atmosfera de sedução e motivadora de encontros amorosos e sexuais. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, DURVAL, 2010 p. 10).

No entanto, o discurso contido nas letras do forró gospel não possui essa mesma linguagem ou termos pejorativos do forró não gospel. Nem tão pouco seu objetivo é motivar a dança sensual entre duas ou mais pessoas. Ele existe nesse mercado fonográfico porque nele estão pessoas que se agradam do estilo. E mesmo sendo um campo religioso, não se pode desconsiderar que o forró faz parte de uma indústria cultural midiática.

Analisemos a batida envolvente do “Forró do Filipão”, que antigamente era integrante do “Forró Moral”, onde participou de várias turnês por todo Norte/Nordeste levando cachaça, sensualidade e um discurso retórico para seu público através de canções que denigrem a imagem da mulher, tratando-a como objeto. Vamos fazer uma comparação com as músicas que ele cantava no antigo grupo (antes de ser evangélico), com as que ele canta hoje (depois de ser evangélico) para analisar o que mudou em seu discurso. Tomamos como exemplos as músicas “Fiel a Putaria” (dos tempos do Forró Moral) e “Meu Paredão É de Jesus” (já da sua “nova” fase espiritual).

Fiel a Putaria (Forró Moral)

Eu te falei meu irmão q essa mulher ia te dar trabalho,
Você agora é carta fora do baralho,
Abandonou quem não devia e se deu mal.
Eu te falei que quem gosta de homem é gay
Mulher gosta de dinheiro isso é padrão pro mundo no mundo inteiro,
Você não é o primeiro nem vai ser derradeiro
Por isso seja: Fiel a putaria
Nunca deixe a putaria
Viva nela todo dia
Brinde sempre a putaria.

Foi o diabo quem inventou, mas foi deus que abençoou
E foi você quem abandonou,
E o que é que eu posso fazer
Se quer um conselho meu, pense em tudo que sofreu,
Seja o cara mais escroto que você conheceu.
Então seja: Fiel a putaria
Nunca deixe a putaria
Viva nela todo dia
Brinde sempre a putariaaaa.

FIGURA 1



Felipão e banda – CD 2013 Promocional
Fonte: <http://www.revistafashionnews.com> (2012)

Meu Paredão É de Jesus
(Ministério Novo Felipão)
Eu fui transformado
Agora eu sou Cristão
E no meu paredão
Só rola salvação, eu saí da zueira
Agora eu tô na luz
O dono do meu paredão agora é Jesus.
Meu paredão é de Jesus, é de Jesus
Aqui tem alegria, aqui tem muita luz
Aumente o som do grave
E tire o pé do chão
E vem pra cá louvar
Curtindo esse paredão.
Eu era um cara errado
Vivia a farrear
Bebia a noite inteira
Sem ter hora pra acabar

Mas conheci Jesus e abri meu coração
Entreguei a minha vida
E também o meu paredão.
Eu era um cara errado
Vivia a farrear
Bebia a noite inteira
Sem ter hora pra acabar
Mas conheci Jesus e abri meu coração
Ele entrou na minha vida
E também o meu paredão.

“Meu paredão é de Jesus” é o sucesso mais conhecido de Felipão na indústria fonográfica gospel e tem causado polêmica entre os diversos grupos evangélicos: ‘conservadores versus estrategistas’ – afinal o som do Felipão é evangelístico ou apenas um produto que busca atingir um determinado público, visando apenas o lucro? Esse é outro debate que exige novos estudos, ao qual não nos aprofundaremos nesta pesquisa.

É possível observar uma diferença no conteúdo das letras. Uma se utiliza de termos pejorativos, enquanto a outra se preocupa em declarar uma mudança de vida, de hábitos. Se antes bebia a noite inteira e farreava (termo usado por ele), depois que conheceu Jesus, ou seja, tornou-se um evangélico, sua vida mudou. Existem cantores e bandas de forró que colocam em suas canções conteúdos doutrinários como a cantora Alice Maciel (ex-integrante da Banda Feras).

Para os evangélicos, esse termo “converter” significa “mudança de mente”, ou seja, mudança de atitudes, gostos e estilo de vida, por acreditar que velhas atitudes desagradam ao Deus que eles servem. Vejamos a entrevista do Felipão ao jornalista de Mossoró, Carlos Skarlack:

FIGURA 2



Fonte: Blog do Clistenes Carlos. (s.d)

Entrevista

Ele estava no auge do sucesso, e como um dos principais forrozeiros do Nordeste, vinha se apresentando em várias partes do Brasil, fazendo shows para públicos que chegavam a 60 ou até 70 mil pessoas. Porém, preferiu abandonar tudo e se transformar em um louvador de Deus. Apresentamos o irmão Felipão, que se notabilizou na música secular como Felipão e Forró Moral. Depois de começar a cantar aos 16 anos, na Paraíba, onde nasceu, e por 11 anos comandar cerca de sete bandas de forró, ele agora é cantor gospel. Por se sentir infeliz e com um grande vazio, Felipão decidiu aceitar a Jesus como salvador e, nesta entrevista, ele conta detalhes de sua conversão.

REALIDADE - Não conseguia ter felicidade, mesmo quando estava cantando para 60, 70 mil pessoas. Numa época chegamos a realizar cinco shows por dia, percorrendo vários Estados, mas mesmo assim existia dentro de mim um vazio muito grande. E quanto mais sucesso fazia, mais vazio me sentia. Eu não podia dizer isso, pois chegava perante as multidões, brincava, e entrava no palco convicto da minha obrigação que era a de divertir aquelas pessoas. Mas na verdade quando descia eu me sentia um traste. Eu me perguntava: como é que pode eu aqui agradando, alegrando 50, 60 mil pessoas enquanto não estou vendo minha esposa, minha família, não tenho mais amigos, não vou a um restaurante. Essa era minha vida e isso foi me causando um vazio.

DEUS - Me faltava Deus. Eu digo que provei de tudo que o mundo pode oferecer a um homem. Provei do sucesso, da fama, da exposição na mídia, dinheiro, riqueza, casa boa, carro importado. Materialmente não me faltava nada. Mas mesmo assim, eu dizia para algumas pessoas que não conseguia ser feliz. E essas pessoas me olhavam e me perguntavam como é que eu não era feliz com tudo o que tinha. Mas me faltava o espiritual. Nós somos feitos de corpo, alma e espírito. E o corpo estava no sucesso, mas me faltava o espiritual. Eu não tinha Deus.

DECADÊNCIA - Eu comecei a entrar em um processo de decadência muito grande como ser humano. Comecei a beber muito. Bebia dois, três dias seguidos sem dormir. Comecei a fumar. Para mim nada tinha graça e a bebida era um anestésico. Chegou uma hora que pensei que iria morrer, e dizia que precisava de uma ajuda, de alguém que pudesse me ajudar. Uma vez, depois de passar dois dias bebendo direto, de ressaca, me acordei em um quarto. Dobrei os joelhos e pedi a Deus uma ajuda, e disse que se Ele não pudesse me ajudar, ninguém mais poderia. Nunca tinha feito uma oração, mas

naquele dia Deus me fez chegar naquele ponto. E me ajoelhei e disse a Deus que se Ele me tirasse daquele vazio, daquela ilusão de vida, nunca mais colocaria uma gota de álcool na minha boca. Depois daquele dia parei de beber.

CONVERSÃO - Isso aconteceu em 2007, na cidade de Tauá. Ainda estava no Forró Moral. Antes de um show, me ajoelhei e disse a Deus: quero um novo dia. Depois disso eu saí do Forró Moral e montei a minha banda. Era Felipão e Banda. Minha intenção era ter qualidade de vida. Só que continuava sem ser feliz. Então me perguntava como podia continuar vazio se agora tinha tempo, administrava tudo na minha carreira. E dois integrantes da banda eram evangélicos e eles me diziam que faltava Deus em minha vida. Aceitei o convite dos meus amigos e fui à igreja, ouvi um testemunho que me tocou muito e aceitei a Jesus como salvador. (FONTE: BLOG DO CLISTENES CARLOS).

Percebemos aqui no discurso do Felipão, que não é tão diferente do discurso de outros, que o motivo de sua conversão se deu por sentir que sua vida, apesar de possuir muitos bens materiais e sucesso, era uma vida vazia. Tudo o que tinha não era suficiente para sentir-se feliz. Então, porque não mudou totalmente seus hábitos? E os dois integrantes de sua banda (Felipão & Banda) que se diziam evangélicos. Como podiam cantar e tocar músicas tidas como “espirituais” ao mesmo tempo em que cantavam músicas cheias de erotismo?

Os evangélicos costumam apoiar artistas quando esses passam a fazer parte desse universo, comprando cds e indo a shows, por acreditarem que Deus os chamou para louvá-lo. Acreditam também que através das suas músicas, ganharão novas pessoas para o cristianismo.

A cantora de forró, Alice Maciel que antes fazia parte da “Banda Feras”, é tida como um bom exemplo de intérprete nesse mercado. Suas músicas possuem conteúdos teológicos e ela tem se dedicado exclusivamente as músicas gospel. Alice Maciel se inspira na bíblia para compor suas letras. Uma de suas canções mais conhecida é “Todo Poderoso”:

FIGURA 3



Capa do CD de Alice Maciel

Fonte: <http://www.portaldenoticias.net/canta> (2013)

Todo Poderoso

(Alice Maciel)

Sou o Todo Poderoso que abri caminho para o meu povo Passar, Eu Sou,
Sou o quarto homem que Nabucodonosor pôde contemplar, Eu Sou,
Sou a mão misteriosa que escreveu na parede Mene, Tequel, e Parsim,
Eu sou, o que Sou o Deus Criador.
Deus Forte Poderoso, Eu Sou.
General de Guerra, Eu Sou
Ele é tremendo na guerra, Eu Sou
Forte como trovão. E o Todo Poderoso, Eu Sou.
General de Guerra, Eu sou Ele é tremendo na Guerra
Eu sou Forte como um trovão.
Sou aquele que liberei a Daniel na cova dos leões,
Sou aquele que pega o vaso quebrado e faço um vaso novo
Em minhas mãos,
Sou a coluna de fogo que guiei o meu povo
Lá no deserto. Eu sou, o que Sou o Deus Criador.

De acordo com nossa análise de pesquisa, alguns dos intérpretes gospel nos seus discursos musicais buscam inserir em suas canções conteúdos teológicos, como é o caso da cantora Alice Maciel, o que permitem serem bem vistos por líderes religiosos. Porém muitos acreditam que alguns deles, no entanto, demonstram ter exclusivamente interesses mercadológicos.

Entre os evangélicos, existem àqueles que não conseguem ver problema no ritmo forró. Até se agradam e curtem. Porém há outros que criticam veementemente sua

existência no meio evangélico. Visto que no meio não evangélico, ele possui uma conotação pejorativa em sua maioria.

O forró está presente no meio evangélico da mesma forma que o rock, pagode, samba e outros estão. No Nordeste sua presença é massiva devida o mesmo fazer parte da cultura nordestina. Suas letras são de fácil entendimento, pois se contextualiza com a realidade desse público. Se possuírem termos teológicos como as letras de Alice Maciel, podem não fazer sentido para quem não faz parte desse universo, mas para os evangélicos tem todo um sentido.

Pode se chegar à conclusão de que a presença desse ritmo no mercado gospel, não é um problema. Porém o problema está na forma como muitas vezes ele é apresentado a esse público.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Sousa (2004), a bíblia não põe limites à música no que se referem aos instrumentos musicais, temas e estilos. Ele considera que a música gospel é um campo fértil, livre, sem fronteiras para levar o evangelho. Porém, ela recebe críticas, preconceitos, incompreensão e falta de apoio até por parte de alguns evangélicos.

Não se podem julgar todos os interpretes por essa ótica desconstruída, muitos louvam por amor a Deus e ao meio em que fazem parte, levando a sério a vida de cristão, contendo em suas músicas, letras com conteúdos ricos em poesia, adoração e com grande valor teológico, independente do ritmo.

O forró está presente no meio evangélico da mesma forma que o rock, pagode, samba e outros estão. No Nordeste sua presença é massiva, devida o mesmo fazer parte da cultura nordestina. Suas letras são de fácil entendimento. Os termos teológicos presentes nas músicas, podem não fazer sentido para muitos. Mas para os evangélicos, sim. Porque são termos contidos na bíblia e também utilizados dentro das igrejas.

Pode se chegar à conclusão de que a presença desse ritmo no mercado gospel, não é um problema. Porém o problema está na forma como muitas vezes ele é apresentado a esse público.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M.de. O nordestino de Saia Rodada e Calcinha Preta ou as novas faces do regionalismo e do machismo no Nordeste. In QUEIROZ, André L. dos S.(org.). **Arte & pensamento: a reinvenção do Nordeste**. Fortaleza: Serviço Social do Comércio–AR/CE, 2010.

ARAGÃO, Jabes. **Revista Veja destaca a “explosão” do mercado de música gospel no Brasil**. < <http://musica.gospelprime.com.br/revista-veja-destaca-a-explosao-do-mercado-de-musica-gospel-no-brasil>> Acessado em 20/05/2015.

BAGGIO, Sandro. **A Revolução na Música Gospel: Um avivamento musical em nossos dias**. São Paulo: êxodo, 1997.

BASDEN, Paul. **Estilos de louvor**. Traduzido por Emirson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

CORNWALL, Judson. **Adoração como Jesus ensinou**. Minas Gerais: Betânia, 1995.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós moderno**. Bauru: EDUSC,2001.

SOUSA, Salvador de. **O que é música gospel**. Arquivo Gospel, 2014. Acesso em: 05 de ago. de 2015. Disponível em:
<http://www.arquivogospel.com.br/textos_v.asp?cod_texto=1>.

_____. **História da música evangélica no Brasil**. São Paulo: Ágape, 2011.

TROTTA, Felipe. **Música popular, moral e sexualidade: reflexões sobre forró contemporâneo**. In: Encontro da Compôs, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. p. 132-146.